

NOMEAÇÕES DA COPA DO MUNDO NO BRASIL: ENUNCIÇÃO E DIREÇÕES ARGUMENTATIVAS

DESIGNATIONS OF THE WORLD CUP IN BRAZIL: ENUNCIATION AND ARGUMENTATIVE DIRECTION

*Luciani Dalmaschio*¹
*Priscila Brasil Gonçalves Lacerda*²
*Luiz Francisco Dias*³

RESUMO: Este artigo aborda os sintagmas “Copa do mundo”, “padrão Fifa”, “imagina na copa” e a “copa das copas” a partir da Semântica da Enunciação. O corpus é constituído por textos que circularam na esfera jornalística no Brasil nos anos de 2013 e primeiro semestre de 2014. Especificamente, estudam-se as relações internas e externas na constituição desses sintagmas, observando-se os traços da presença do Locutor na enunciação e conseqüentemente as direções argumentativas decorrentes dessa presença.

PALAVRAS-CHAVE: Enunciação. Argumentação. Sentido e articulação lingüística.

ABSTRACT: This paper addresses the syntagms “world cup”, “Fifa standard” “Imagine in the World cup” and “the world cup of the world cup” from the Semantics of enunciation perspective. The corpus consists of journalistic texts in wide circulation in Brazil in 2013 and during first half of 2014. **Specifically, the internal and** external relations in the constitution of these syntagms are taken into account, observing evidence of the presence of the Speaker in the enunciation and therefore the argumentative directions as a consequence of such presence.

KEYWORDS: Enunciation. Argumentation. Meaning and linguistic articulation.

¹ Universidade Federal de São João del-Rei

² Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG)

³ Universidade Federal de Minas Gerais

NOMEAÇÕES DA COPA DO MUNDO NO BRASIL: ENUNCIÇÃO E DIREÇÕES ARGUMENTATIVAS

COSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho se constitui em um estudo da ordem enunciativa determinante na constituição de construções nominais do Português. A partir da afirmação de Benveniste (1989, p.82), segundo a qual “a relação do locutor com a língua determina os caracteres linguísticos da enunciação”, buscamos os potenciais de articulação que os termos *copa* e *Fifa* contraem na constituição dos referenciais que sustentam formações nominais como “copa do carisma”, “copa das surpresas” e “padrão Fifa”. As proeminências argumentativas do dizer se sobressaem nos caracteres das articulações internas e externas a uma formação nominal.

Quando nos referimos a articulações sintáticas numa semântica da enunciação, estamos nos referindo tanto à microssintaxe, ou relações de constituição interna do sintagma nominal, quanto à macrossintaxe, ou relações que se interpõem à articulação nominal e que situam a FN na ordem do acontecimento da produção do enunciado. Tendo em vista a constituição desse olhar micro e macro, trabalhamos com o conceito de formação nominal (FN), que é mais amplo do que o conceito de sintagma nominal, uma vez que é concebido como forma material qualificada na enunciação.

Sendo assim, o estudo da formação nominal estaria centrado não na descrição do objeto produzido (sintagma nominal) e muito menos nas características fonético-fonológicas ou gráficas da unidade, mas na constituição dos referenciais da sua produção, na razão das articulações que são contraídas interna e externamente à construção nominal

Inicialmente, nosso trabalho procura rastrear os direcionamentos argumentativos que atravessam diferentes enunciações da formação nominal “Copa do Mundo”. Para subsidiar essa análise, fizemos uma busca por textos cuja temática fosse a competição de futebol em questão. Entretanto, nesse processo de pesquisa, outras formações nos chamaram a atenção, seja pelo seu emprego concorrente com “Copa do Mundo” - e nesse caso estamos falando especialmente da formação nominal simples “Copa” para designar *Copa do Mundo 2014*; seja pela recorrência com que essas formações circulavam nos textos acerca da Copa do Mundo no Brasil - nesse caso, estamos nos referindo especificamente às expressões “padrão Fifa” e imagina na Copa”. Ampliamos, portanto, o nosso espectro de investigação. Essa manobra nos ofereceu elementos de contraste e nos favoreceu em dois pontos: primeiramente, sendo

produtivos no percurso a ser seguido para alcançarmos o objetivo deste trabalho, que seria mostrar como os sentidos que constituem a formação nominal “Copa do Mundo” ou simplesmente “Copa” deslizam, construindo vieses argumentativos distintos; já o segundo ponto refere-se precisamente à visibilidade dada por esse contraste às ocorrências de ocupação e não ocupação dos lugares de adjunto da formação nominal “Copa” e de complemento verbal da sentença “Imagina na Copa”, fomentando a hipótese da proeminência argumentativa desses lugares que conduz a presente investigação.

1 DA FORMAÇÃO NOMINAL: UM OLHAR ENUNCIATIVO PARA A MATERIALIDADE LINGUÍSTICA

Antes de lançarmos o nosso olhar sobre a formação nominal “Copa do Mundo” e sobre a rede de sentidos que a constitui, angariando formações que lhe são adjacentes, julgamos ser necessário fazer uma pausa terminológica. Vamos apresentar o próprio conceito de formação nominal.

Em morfologia, a formação nominal designa um processo de formação de nomes através da aposição de afixos a um radical. Neste estudo, o termo adquire um outro significado. Dias (2013) desenvolve o conceito de formação nominal (doravante, FN) a partir de uma perspectiva que apreende a forma linguística na sua entrada em enunciação, isto é, apreende-as segundo as razões enunciativas da sua constituição como membro do enunciado, como também segundo a razão das determinações contraídas internamente à sua formação. Sendo assim, o estudo de uma FN estaria centrado não na descrição do objeto produzido (sintagma nominal) e muito menos nas características fonético-fonológicas ou gráficas da unidade, mas na constituição dos referenciais da sua produção. Para situar a sua abordagem, Dias (2013) estabelece um contraponto com a perspectiva de Chierchia (2003) sobre um grupo nominal, mais sedimentada no arcabouço teórico da Linguística. Chierchia entende que “substantivos e adjetivos proporcionam meios para referir-nos a classes de objetos”, assim “a palavra *cachorro* nos permite falar de uma certa classe de mamíferos domésticos, a palavra *vermelho* nos permite falar das coisas que refletem a luz de uma certa maneira” (2003, p.325-326). Tendo em vista essa estratificação de classes de objetos no mundo, construir um grupo nominal como *cachorro vermelho*, por exemplo, seria marcar uma interseção entre a classe dos cachorros e a classe das coisas vermelhas. Ou seja, um grupo nominal, segundo a abordagem de Chierchia (2003) se constituiria por um mecanismo de composicionalidade e “as determinações nessa composicionalidade proporcionariam uma ‘elasticidade’ do nome nuclear” (DIAS, 2013, p.13). Em uma abordagem de caráter estritamente referencialista como essa, não caberia uma discussão acerca de diferentes direcionamentos argumentativos que atuariam na configuração deslizante dos sentidos que constituem a referência de um grupo nominal como “padrão Fifa”. O que queremos dizer é que, do ponto de vista que adotamos aqui, ao se enunciar “padrão Fifa”, não se designa simplesmente uma suposta classe de objetos no mundo a que se refere por meio da palavra ‘padrão’ que coincidiria no entrecorte da classe dos objetos designados por uma suposta classe de objetos no mundo designada pela palavra ‘Fifa’. Ocorre, na verdade, um efeito de apontamento para uma realidade objetiva cuja apreensão apenas se dá enunciativamente, por meio de um recorte na memória de sentidos.

Dias (2013), conduzindo o desenvolvimento do conceito de FN nessa direção, toma como base a análise da expressão nominal ‘antiga Rua da Floresta’, numa situação em que uma rua era denominada de Rua da Floresta, e que após um ato legislativo passa a receber outro nome, ignorado pela população, que marca a mudança pela anteposição do adjetivo “antiga” ao nome usual. O mecanismo composicional reportado a Chierchia (2003) não se mostra eficaz para explicar a expressão nominal em questão, pois, assim como no caso de

‘padrão Fifa’, não se trata simplesmente de colocar a Rua da Floresta na classe dos objetos antigos. Antes, a formação dessa expressão nominal invoca uma memória e mobiliza sentidos que marcam uma resistência no gesto cotidiano dos cidadãos da cidade em que se localiza a antiga Rua da Floresta. É sob essa perspectiva que se constitui a FN. Assim, a categoria FN carrega um potencial de observação da realidade, em que a descrição dos objetos no mundo é tão somente um efeito. Ela o faz, entretanto, “não a partir das eventuais propriedades informativas dos elementos discretos dessa realidade, mas a partir dos traços em função dos quais elementos do real adquirem pertinência para a realidade enunciada” (DIAS, 2013, p.13).
Explicando melhor,

a FN congrega nomes, designações, afirmações, mas concebidos não em termos informativos das entidades, mas a partir do campo de emergência das entidades nomeadas. Uma entidade exterior à linguagem precisa adquirir pertinência para ser nomeada, isto é, precisa se submeter a uma regra de existência [...]. O compromisso de uma FN não é com a entidade em si, mesmo porque ela não existiria nessa condição, mas com o campo de emergência de entidades recortado da exterioridade. Trata-se de um recorte enunciativo, porque essas entidades não se encontram discriminadas e delimitadas na natureza. A enunciação irá torná-las pertinentes aos acontecimentos linguísticos, tendo em vista as possibilidades históricas que as fazem emergir. (DIAS, 2013, p.15)

Observamos, portanto, que as FNs fundamentalmente constroem uma categoria única pelo modo que constituem referência produzindo um recorte, um campo de emergências, que aponta para uma exterioridade significada. Elas são apreendidas sempre em seu processo de constituição, não como produtos estanques, que encapsulariam um mundo isento de investimento interpretativo.

2 PROCESSO DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DA FN “COPA DO MUNDO FIFA”

Para dar início às nossas reflexões, tomemos com pano de fundo a seguinte afirmação: “A Fifa mercantilizou a níveis jamais vistos a mais genuína paixão dos brasileiros. Apropriou-se até de nomes consagrados, como ‘Copa do Mundo’” (MAGALHÃES, 2014)⁴.

Mario Magalhães, certamente, não fazia ideia, quando publicou em seu Blog o texto “Se tivesse ‘padrão Fifa’, o Brasil seria muito pior”, que uma de suas falas seria objeto de interesse de uma análise linguística. Entretanto, trata-se de uma unidade de dizer significativa aos nossos propósitos, no que se refere a perceber o quanto as vozes constituem histórias e como essas histórias vão significando.

Primeiro, é importante dizer que, em um nível bastante explícito de apropriação, explicitando essa que tenderá a ser diluída na sequência de nossas análises, houve mesmo um gesto da *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA) de tomar para si o mundial de clubes. Em uma busca rápida, pela forma como esse evento esportivo era nomeado, percebemos que até o ano de 1998, na França, ele foi designado como a ‘Copa do Mundo’ do país que o sediava, conforme exemplos⁵ a seguir:

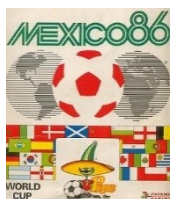
⁴ <http://blogdomariomagalhaes.blogosfera.uol.com.br/2014/05/27/se-tivesse-padrao-fifa-o-brasil-seria-muito-pior/>. Acesso em: 04 nov. 2014.

⁵ As imagens que compõem os exemplos (1) a (13) foram obtidas por meio de pesquisa no Google e estão disponíveis no endereço eletrônico: https://www.google.com.br/search?q=copa+do+mundo+fifa&biw=1366&bih=657&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ei=qivQVJ9II6wsAT0kYDwCw&ved=0CAcQ_AUoAg#tbm=isch&q=copa+do+mundo+fifa. Acesso em: 11 nov. 2014.

(1)



(2)



(3)



(4)



Todavia, a partir de 2002, a Copa do Mundo da Coreia e do Japão assumiu a designação “Fifa Word Cup”. Essa passou a ser, também, a marca dos demais campeonatos nos anos subseqüentes e, a exemplo do que acontecerá na Rússia em 2018, parece-nos que a presença do nome da Federação Internacional de Futebol, passará a fazer parte, definitivamente, da marca do mundial.

(5)



(6)



(7)



(8)



Sendo assim, estaria com razão Magalhães (2014), ao afirmar que a FIFA “apropriou-se até de nomes consagrados, como ‘Copa do Mundo’”, embora o autor tivesse outro propósito ao produzir sua argumentação. Dito de outra forma, a *Copa* que, mesmo sendo gerenciada pela Federação, era linguisticamente marcada como *do mundo* passa a ser oficializada pelo discurso como sendo também *da FIFA*.

No caminho de tentarmos oferecer uma explicação enunciativa para o fenômeno linguístico sobre o qual nos debruçamos, consideramos viável dizer que a mudança ocorrida na materialidade linguística dessa FN ganhará contornos interessantes, inclusive, no que se refere ao surgimento de outras formações que participaram/participam de acontecimentos enunciativos instalados na atualidade. Ou seja, conforme Dias (2011), entendemos que uma FN

se constitui em centro de articulação temática. Na medida em que constituímos um tema, ou um foco de interesse na enunciação, estamos trazendo a memória de sentidos que se agregam aos nomes. As determinações contraídas pelos nomes, constituindo um grupo ou sintagma nominal, apresentam as condições de recebimento dos traços de atualidade advindos da construção temática na sua relação com o mundo contemporâneo.[...] A constituição desse centro de referência pode ser captado pela língua em formato concêntrico, tendo um substantivo na nucleação, de forma a encapsular um conceito historicamente constituído[...] (DIAS, 2011, p.275).

Assim, ao nome *Copa*, constituído como “centro de articulação temática” da formação nominal *Copa do Mundo*, agregam-se “traços de atualidade”, que permitem a contração de novas determinações. No caso em análise, a sigla FIFA acrescenta mais uma perspectivação ao núcleo dessa formação, oferecendo a possibilidade de dilatação referencial de um objeto simbólico historicamente construído. Vale ressaltar que essa dilatação não vai do mais específico para o mais genérico como efeito de referência no mundo, afinal, o espectro referencial de “o mundo” teoricamente inclui “a FIFA”, em termos de contém, está

contido. O que acontece, na verdade, é a atribuição de uma perspectiva de destaque e pertinência enunciativa para a Federação, que agora se materializa com exclusividade por constituir a diferença dentro do comum. Dilatar, portanto, não representa, necessariamente, expandir, em sentido lato, mas fazer aparecer, ganhar em visibilidade, constituir um referencial de pertinência enunciativa.

É importante dizer que essa visibilidade produzida pela linguagem não é gratuita: ao mesmo tempo em que ela é constituída por ordens sociais, também participa ativamente da constituição da sociedade. Logo,

O objeto da linguística [...] aparece assim atravessado por uma divisão discursiva entre dois espaços: o da manipulação de significações estabilizadas, normatizadas por uma higiene pedagógica do pensamento, e o de transformações de sentido, escapando a qualquer norma estabelecida a priori, de um trabalho do sentido sobre o sentido, tomado no relançar indefinido das interpretações. (PÊCHEUX, 1983, p.51).

Em relação ao espaço “da manipulação de significações, normatizadas por uma higiene pedagógica do pensamento”, a que se refere Pêcheux, notamos que ele é facilmente localizado quando nos deparamos com a seguinte construção: “A Copa do Mundo FIFA, mais conhecida tradicionalmente pelo antigo nome “Copa do Mundo...”⁶. Percebemos aqui um trabalho linguístico que tenta realizar a regularização de um efeito de sentido, por meio da materialização sentencial de um dizer específico. Entretanto, conforme afirma Pêcheux, há outro espaço que atravessa o objeto da linguística e esse em nada se aproxima daquele que visa domesticar o sentido, muito pelo contrário, o postulado que rege esse lugar discursivo formula-se em torno das “transformações de sentido.”

Essa possibilidade de escapar de “qualquer norma estabelecida a priori”, própria do linguístico, conjugada às forças de desvio que nos orientam para movimentos ideologicamente incompatíveis com o que é regular, pode ocasionar resistência a dizeres previamente marcados. É o que veremos a seguir.

3 DA RESISTÊNCIA AO PROCESSO DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DA FN “COPA DO MUNDO FIFA” E DA MATERIALIDADE LINGUÍSTICA DOS DIRECIONAMENTOS ARGUMENTATIVOS: OS LUGARES DE ADJUNÇÃO E COMPLEMENTAÇÃO

A necessidade de confrontar o nome oficial do campeonato mundial de futebol com o nome tradicionalmente conhecido torna flagrante o fato de que a institucionalização da FN “Copa do Mundo FIFA” sofre resistência de uso. Conseguimos demonstrar isso com clareza ao preenchermos o campo de buscas do Google e verificarmos a quantificação de resultados encontrados, realizada automaticamente pelo sítio:

- “Copa do Mundo” = aproximadamente 35.800.000 resultados.
- “Copa do Mundo da FIFA” = aproximadamente 509.000 resultados
- “Copa do Mundo FIFA” = aproximadamente 455.000 resultados⁷

Mesmo se considerarmos o fato de as FNs estendidas “Copa do Mundo da FIFA” e “Copa do Mundo FIFA” estarem incluídas nos números demonstrados para “Copa do Mundo”, ainda temos pouco menos de 35.000.000 de resultados apenas para a FN reduzida “Copa do Mundo”. Esse número consideravelmente superior de ocorrências parece se

⁶ Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Copa_do_Mundo_FIFA. Acesso em: 12 nov. 2014.

⁷ Dados obtidos por meio do Google.

explicar, de modo simples, pela anterioridade dessa última expressão como FN em relação a outra. Afinal, o torneio existe desde 1930, mas o nome ‘Fifa’ foi incorporado a partir da edição de 2002. Acontece um movimento de resistência, tal qual relatou Dias (2013) no caso da “antiga Rua da Floresta”. Apesar de ter-se institucionalizado a incorporação do nome ‘Fifa’ à designação do campeonato, essa incorporação não teria ganhado relevância como nome para o evento, não teria agregado um distintivo efetivo para domínio referencial⁸ constituído pela FN ‘Copa do Mundo’, diferentemente do que ocorre com esse mesmo nome na FN ‘padrão Fifa’, o que será discutido na próxima seção.

Essa aparente economia na constituição da FN em análise produz um desdobramento especialmente interessante para uma perspectiva de análise que vislumbra traços enunciativos na materialidade linguística. Podemos observar que o apagamento da expressão ‘Fifa’ não gera um ônus para a significação da FN ‘Copa do Mundo’, tanto que até mesmo no sítio oficial da Federação nos deparamos com uma ocorrência em que a expressão não é materializada: “Rússia 2018 – Novo emblema da *Copa do Mundo* brilha pela primeira vez em Moscou”⁹ (Destaque nosso). Tampouco isso aconteceria se o elemento ocupante do lugar de adjunto adnominal, ‘do Mundo’ fosse extraído. A FN ‘Copa’ consegue condensar de modo produtivo na língua o domínio referencial do mundial de futebol. Tal fato se mostra com clareza ao considerarmos a expressão “Imagina na Copa”, que se tornou uma espécie de bordão para manifestar a descrença dos brasileiros quanto à destreza do país em organizar suas cidades-sede para o campeonato. O lugar de adjunto adnominal apresenta-se, nesse caso, não ocupado por ‘do Mundo’ e, ainda assim, é possível constituir referência ao mundial e não à Copa do Brasil ou à Copa das Confederações, por exemplo. Corroborando o comportamento aglutinador da FN ‘Copa’, podemos observar que, em contrapartida, a ocupação do lugar de adjunto adnominal se faz necessária para que a designação constitua referência aos outros campeonatos, sob pena de se instalar um equívoco ao dizer apenas ‘Copa’ para se referir à *Copa do Brasil*, à *Copa das Confederações*, à *Copa América* ou à *Copa Sul-Americana*.

A configuração condensada da FN ‘Copa’ abre um vazio nos lugares de adjunto adnominal subsequentes, dando espaço para que outras expressões ocupem esses lugares produzindo direcionamentos argumentativos. Vejamos o excerto a seguir:

(9) ESTA É DEFINITIVAMENTE A COPA DAS COPAS!

[..] Foi a *Copa do carisma*: David Luiz. A *Copa da unanimidade*: Neymar. A *Copa dos que não são unanimidades*: Fred, Hulk e Daniel Alves. A *Copa da emoção*: Thiago Silva. A *Copa da tristeza*: A fratura de Neymar. A *Copa do marketing*: A capitalização da fratura de Neymar pela mídia que não acreditava na Copa. A *Copa das surpresas*: Costa Rica, Colômbia, Argélia. A *Copa das derrotas*: Portugal, Espanha, França, Inglaterra, Itália... e tantos outros. [...] ¹⁰

Como dissemos, não é preciso haver uma expressão materialmente acoplada à FN ‘Copa’ para se compreender que o nome núcleo das FNs encabeçadas por ‘Copa’ no fragmento de texto em análise faz referência à *Copa do Mundo FIFA*, até mesmo porque se estivéssemos falando de outra Copa, o vazio no lugar de adjunto adnominal estaria ao menos virtualmente preenchido por um mecanismo de retomada textual. Além disso, outros

⁸ Dias (2013, p. 14) explica que “a FN tem como esteio a constituição de um domínio referencial”, mas “um ‘referencial’ que não é constituído de ‘coisas’, de ‘fatos’, de ‘realidades’, ou de ‘seres’, mas de leis de possibilidade, de regras de existência” (FOUCAULT, 1986, p. 104 apud DIAS, 2013, p. 14)

⁹ Título de uma notícia veiculada no sítio oficial da Fifa em 28 de outubro de 2014. (Disponível em <http://pt.fifa.com/worldcup/>. Acesso em: 04 nov. 2014.)

¹⁰ Disponível em: <http://goo.gl/TiUC66>. Acesso: 26 out. 2014. Destaques nossos.

elementos que realizam a ocupação dos lugares de adjunto do nome ‘Copa’ no texto em (14) trazem componentes como ‘Thiago Silva’, ‘David Luiz’ e demais nomes de jogadores, cujas especificidades de domínio referencial situam a FN ‘Copa’ na atualidade do dizer correspondente à edição de 2014 do campeonato.

Em suma, o que temos em (9), na verdade, não é um vazio significativo, não se trata de um silêncio que deixa rastros ao significar, não temos um espectro de sentidos aparentes que perpassam e significam o lugar de adjunto adnominal. Antes, o que se observa é a potencialização do nome ‘Copa’ que se torna capaz de condensar, em sua materialidade unitária, o domínio referencial da FN completa. Deixa-se, portanto, a FN suficientemente compacta, disponível à inserção de outros adjuntos, sem o risco de um inchaço na materialidade da unidade linguística que ocasionaria uma ocorrência aceitável, porém pouco produtiva como ‘Copa do Mundo FIFA dos que não são unanimidades’.

Deixa-se, portanto, um espaço para a incorporação de outras articulações – preposicionadas ou adjetivas –, reconfigurando o domínio referencial da FN base e produzindo direcionamentos argumentativos. Sedimenta-se, portanto, o lugar da adjunção como um espaço da materialidade linguística para a conformação de diferentes posicionamentos argumentativos, deslizando os sentidos que constituem o domínio referencial do nome núcleo condensado ‘Copa’. Temos, no exemplo em (9), sobretudo pela demarcação do título ‘Copa das Copas’ um percurso argumentativo que direciona, ora para a grandiosidade do evento, em que houve de tudo, “emoção”, “tristeza”, “surpresas” e “derrotas”, ora para a crítica, ancorada nas expressões ‘unanimidade’, ‘não unanimidade’ e ‘marketing’.

Se, por um lado, o lugar de adjunção parece não deixar rastros ao passar por um processo de silenciamento, já que os sentidos ali passíveis convergem para a constituição referencial do elemento núcleo, o lugar de complemento parece se comportar de modo distinto. Consideremos o exemplo a seguir, que traz uma letra de música que congrega dizeres recorrentes no período em que o Brasil se preparava para receber o mundial.

(10) IMAGINA NA COPA

Se hoje a mulherada já topa, imagina na copa
Imagina na copa [...]
Aeroporto lotado, trânsito parado
O caos tá implantado, ai ai ai, ai ai ai
É gente pra todo lado, os hotéis tão lotados
Metro tá socado, ai ai ai, ai ai ai [...]¹¹

Mais uma vez, temos em (10) a FN contraída ‘Copa’. Nesse exemplo, contudo, queremos chamar a atenção para o silêncio no lugar de complemento articulado ao verbo ‘imaginar’. Diferentemente do que observamos a partir do exemplo (9) no lugar de adjunção do nome ‘Copa’, o lugar de complementação conforma o que Dalmascio (2008) reconheceu como “silêncio sintático”. A autora, ao desenvolver um estudo sobre a (não) ocupação do lugar de complemento verbal, mobiliza a noção de silêncio constitutivo, que se refere às condições em que “para dizer é preciso não dizer” (ORLANDI, 2010, p. 24) e concebe a noção de silêncio sintático. Nos moldes de uma sintaxe de bases enunciativas, o complemento verbal consistiria em um lugar sintático projetado pelo verbo “que não se configura como elemento linguístico explícito, mas que precisa fazer parte da sentença para que ela ganhe

¹¹ Letra de música de Fernando e Sorocaba. Disponível em: <http://goo.gl/A7Cu2E>. Acesso em: 02 fev. 2014)

completude” (DALMASCHIO, 2008, p. 53). No lugar de complementação, portanto, funciona esse mecanismo de constituição de referência *in absentia*, funciona um silêncio prenhe de significação. Nesse “silêncio sintático” cabem direcionamentos argumentativos convergentes e divergentes que se atualizam simultaneamente como privilégio do silêncio. Imagina-se o trânsito, as mulheres, os hotéis, os estádios e uma gama considerável de domínios referenciais que carregam consigo o argumento direcionado à crítica.

Talvez esteja no próprio contraste entre a possibilidade do silêncio sintático como esteio de domínios referenciais e, por conseguinte, de direcionamentos argumentativos, o cerne da distinção material entre adjunção e complementação.

4 DA CONSTITUIÇÃO DA FN “PADRÃO FIFA”

Outro exemplo de que o dizer constitui-se por pontos de deriva é o escape da expressão ‘Fifa’, da FN ‘Copa do Mundo Fifa’, para uma outra formação em que seu destaque se oferece de forma concêntrica. Estamos nos referindo à expressão ‘Padrão FIFA’. Expliquemos melhor. Segundo a linha de análise que estamos assumindo, ‘Padrão FIFA’ encapsula a ideia de qualidade, perfeição e, por isso, de meta a ser atingida. Isso significa que ‘Fifa’ passa agora ao limite máximo de visibilidade e se nos oferece não mais como uma palavra geradora de perspectiva, e sim como o próprio fundamento da referência, da argumentação. Ou seja, a palavra ‘Padrão’ sozinha não é capaz de ancorar os mesmos movimentos de significação que a palavra ‘Copa’, conforme vimos anteriormente. Decorre desse fato, postularmos que ‘Padrão FIFA’ corresponde a um nome composto, sendo, portanto, necessária a conjugação dos dois elementos léxicos para a constituição da referência.

Caminhamos para a sumarização da ideia de que o início da visibilidade que ‘Fifa’ pretende assumir, ao passar a fazer parte da formação nominal ‘Copa do Mundo (Fifa)’, se efetiva realmente, e de maneira clara, no surgimento da expressão ‘Padrão Fifa’, amplamente posta em cena, em nosso país, antes, durante e após o Campeonato Mundial de Clubes.


Entretanto, para validar o pressuposto que ora defendemos, será possível constatar que a FN ‘Padrão Fifa’ também se manifesta em um movimento de significação interessante de ser analisado. Na verdade, o que queremos explicitar é que todos os enunciados são ecos de muitas histórias de dizeres e, portanto, matéria da contradição e do equívoco. Esse deslocamento, próprio do linguístico, capaz de produzir ampliação do domínio referencial, é o que Orlandi (2014)¹² nomeia como *sentidos em fuga*. Ou seja, as transferências de sentido transbordam, havendo sempre a possibilidade de a significação migrar para outros objetos simbólicos. Para a autora, no dizer há sempre algo que se repete e algo que rompe caminhos novos.

É importante destacar que, ao nos referirmos a uma repetição do sentido não a imaginamos como uma simples retomada, como uma mera repetição de enunciações anteriores aptas a participar de novos acontecimentos enunciativos. Sendo assim, o dizer atual não é um simples colocar em cena a virtualidade porque, ao se realizar, ele já é afetado pelo diferente. Sua formulação já recebe a possibilidade de um escapar do já-posto, assim, quando enunciamos, estamos operando no mundo da diferença porque estamos na relação do que foi e do que é, com possibilidade de diferir sempre o que é do que foi.

¹² Discussão proposta em uma Palestra - “Sentidos em fuga: efeitos da polissemia e do silêncio” -, realizada em 19 ago. 2014, no auditório do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (Icict/Fiocruz).

Passemos a ilustrar o que teorizamos, por meio de ocorrências que contemplam efeitos de sentidos produzidos pela FN ‘Padrão Fifa’.

(11)¹³

	O Programa de Qualidade da FIFA oferece um padrão industrial reconhecido internacionalmente e confiável, com qualidade e fiabilidade nas áreas mais importantes para os jogadores de futebol: equipamentos, superfícies, tecnologia e serviços utilizados no seu esporte.
---	---

(12)¹⁴



(13)¹⁵



(14) SE TIVESSE “PADRÃO FIFA”, O BRASIL SERIA MUITO PIOR¹⁶

Mário Magalhães

A palavra de ordem se disseminou com intenção generosa: o Brasil padrão Fifa seria melhor.

(...)

Com o perdão dos que adotaram a divisa, eu acho que o padrão Fifa é uma balela ou significa

(...)

A despeito de todas as mazelas que vigoram no país que figura entre os campeões da desigualdade, o Brasil no padrão Fifa seria ainda mais egoísta, hipócrita, inescrupuloso, obscuro e desigual.

Padrão Fifa é exigir do outro o que não se faz - faça o que eu digo, e não o que eu faço.

A Fifa já nos fez muito mal. Fará mais ainda se o seu famigerado padrão se tornar o nosso modelo.

Nas ocorrências apresentadas de (11) a (14) podemos traçar uma rota de fuga dos sentidos percorrida pela FN ‘Padrão Fifa’. Expliquemos melhor. Para Orlandi (2014) há uma

¹³ Disponível em: <http://pt.fifa.com/aboutfifa/organisation/marketing/qualityprogramme/>. Acesso em: 11 dez. 2014.

¹⁴ Disponível em: https://www.google.com.br/search?q=ovos+padr%C3%A3o+fifa&biw=1366&bih=657&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ei=CgfQVPjCH82HsQSNvoLgDQ&ved=0CAYQ_AUoAQ. Acesso em 11 dez. 2014

¹⁵ Disponível em: https://www.google.com.br/search?q=ovos+padr%C3%A3o+fifa&biw=1366&bih=657&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ei=CgfQVPjCH82HsQSNvoLgDQ&ved=0CAYQ_AUoAQ#tbm=isch&q=HOSPITAL+PADR%C3%A3O+FIFA. Acesso em: 11 dez. 2014

¹⁶ Disponível em: <http://blogdomariomagalhaes.blogosfera.uol.com.br/2014/05/27/se-tivesse-padr%C3%A3o-fifa-o-brasil-seria-muito-pior/>. Acesso em: 11 dez. 2014

tendência para a domesticação dos sentidos seja social ou individualmente. A pretensão é produzir efeitos uniformes para o mesmo objeto simbólico. Entretanto, na concepção da autora, não é tão simples assim. O funcionamento linguístico nos posiciona frente a silenciamentos e a polissemias que descaracterizam essa uniformidade porque criam redes de constituição de sentido.

Em (11), ainda que não possamos prever quando um sentido é inaugurado, ousamos dizer que o ‘Padrão Fifa de qualidade’ reveste-se de um significado inicial que representa a direção argumentativa para a qual aquele dizer é orientado. Ou seja, trata-se de “um padrão industrial reconhecido internacionalmente e confiável, com qualidade e fiabilidade nas áreas mais importantes para os jogadores de futebol: equipamentos, superfícies, tecnologia e serviços utilizados no seu esporte.”.

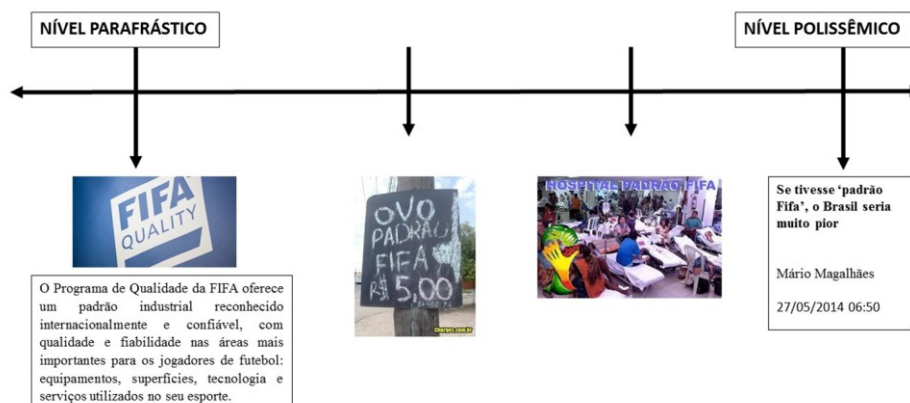
Já em (12), ainda que se mantenha a recorrência de uma memória positiva da referência instalada pelo nome ‘Padrão’, não podemos afirmar que o domínio referencial da FN ‘Padrão Fifa’, seja o mesmo daquele apresentado em (11). O que vemos é uma ressignificação, ancorada na atualidade posta em cena pelo memorável, ou seja, presenciamos a constituição de sentidos em fuga. Ainda nas palavras de Orlandi, fuga corresponde a um voo do sentido em uma rota cujo pouso não é perfeitamente presumível. Daí a geração de efeitos desordenados. Daí a migração para outros objetos simbólicos. Ao dizer ‘OVO PADRÃO FIFA’, percebemos a coexistência do mesmo e do outro dispostos concomitantemente no acontecimento enunciativo em ato.

Quando nos detemos ao que está dito em (13), consideramos que houve um investimento ainda maior na tessitura interdiscursiva, no que se refere ao deslocamento referencial assumido pela FN ‘Padrão Fifa’, em relação às ocorrências (11) e (12). O que podemos pressupor é que o deslizamento de sentido se apresenta ampliado por um gesto de significar. Assim, ao optar por dizer ‘HOSPITAL PADRÃO FIFA’, com a imagem de pessoas recebendo atendimento inadequado para suas necessidades básicas de saúde, escolhe-se o discurso da ironia, que traz em si a característica de configurar-se mais como uma pergunta do que como uma afirmação, ainda que faça parte de uma sentença declarativa. Nesse caso, o que está sendo questionado é o próprio efeito da interpretação, e isso faz com que o sentido perca o efeito da estabilidade, pois que ironizar é justamente dar visibilidade a essa rota fugidia dos sentidos que passam a FN.

O texto em (14) corresponde, nesse pequeno *corpus* por nós delimitado, à ponta inversa do contínuo de sentido que pretendemos estabelecer. Por meio dele, fica claro que, para haver fuga é necessário que haja deriva, deslizamento, mas não só isso, é necessário também que haja desorganização, desordenamento, explosão, silenciamento de sentidos. Dizemos isso porque a referência à qualidade, trazida pela FN ‘Padrão Fifa’, na ocorrência (11), sofre em (14) uma tão completa reconstrução que se vê silenciada por outros sentidos, tais como: “egoísta, hipócrita, inescrupuloso, obscuro e desigual”. Nesse caso, o esquecimento manifesta-se como condição fundamental para o significar.

Os exemplos (11) a (14) nos permitem ilustrar o pressuposto de Orlandi (2014) de que “a tensão estabelecida entre o processo parafrástico e polissêmico está na base da constituição do sentido no funcionamento de linguagem”. Para demonstrar essa manifestação, elaboramos o seguinte contínuo:

(15) – CONTÍNUO REPRESENTATIVO DA DERIVA DE SENTIDO



Fonte: Elaborado pelos autores.

Ao conceber esse contínuo, tivemos a pretensão de demonstrar que uma FN pode ser significada de maneiras muito diferentes. Vale dizer que a marcação das pontas pretende produzir um efeito puramente teórico. Afinal, a delimitação de extremos rigidamente determinados tornaria a discussão infrutífera, uma vez que entenderia a significação como algo marcado por uma plena integralidade. Decorre desse fato entendermos que o sentido poder ser percebido apenas por meio de um contínuo sem pontas. Isso se explica porque as pontas seriam, por um lado, um repetir, pura e simplesmente, ou seja, um ritual sem falhas, o que será sempre foi; e, por outro uma singularidade perfeita, o que será em nada se relaciona ao que foi.¹⁷ Os sentidos em fuga se instalam, portanto, no entremeio desse contínuo, perpassados por duas forças: uma sugerindo que tudo se mantenha como é e outra incitando o surgimento do novo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após as discussões que empreendemos neste trabalho, passamos a descrever, agora, os resultados obtidos com a análise realizada acerca do fato linguístico que sustentou nossas análises.

Um primeiro aspecto que pensamos ter suscitado em nossa abordagem foi a explicitação de que os lugares sentenciais disponibilizam-se, conforme as regularidades linguísticas, para abrigarem os constituintes-âncora de um domínio referencial. Esse fato foi percebido nas reflexões que realizamos acerca das FN 'Copa/Copa do Mundo/Copa do Mundo FIFA'.

Outro aspecto que tentamos marcar foi a tese segundo a qual nomes nucleares das formações nominais apresentam a potencialidade enunciativa de encapsular os valores referenciais dos demais elementos que, com ele, constituem a construção nominal, como é o caso de 'Copa', que aparece como eixo sustentador da base referencial, como o representante do dizer nuclear da FN 'Copa do mundo Fifa'.

Levantamos ainda a perspectiva de que, quando o silêncio constitutivo se manifesta na materialidade linguística, há sempre a possibilidade de os sentidos ampliarem o domínio referencial de que participam. Assim, tomando como base de análise a sentença 'Imagina na

¹⁷ Nessa reflexão, propomos uma comparação com o contínuo de paráfrase/polissemia suscitado nas discussões de Orlandi (1993).

copa’, pudemos demonstrar que os sentidos não estacionam, eles se movimentam para outros espaços discursivos. Além disso, pudemos perceber, também, que sentidos em movimento, convocados pelas condições sócio-históricas do acontecimento enunciativo, podem se alojar em novas formações nominais, tal como ocorreu com a FN ‘Padrão Fifa’.

Por fim, demonstramos, por meio da proposta de construção de um contínuo de significação, que as formações nominais apresentam deslocamentos e exigem um gesto de interpretação. Sendo assim, nos filiamos à teoria de que somos afetados pela escolha de um efeito de sentido que, de certa forma, está domesticado pelas regularidades histórico-discursivas; mas também pelo fato de que forças de desvio nos orientam para movimentos ideologicamente incompatíveis, que ocasionam a contradição, o desvio, o deslocamento, a fuga daquilo que vem previamente marcado no dizer.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, E. O aparelho formal da enunciação. In: *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, p.81-90, 1989.

CHIERCHIA, G. *Semântica*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

DALMASCHIO, L. *Enunciação e sintaxe: modos de enunciação genéricos na ocupação do lugar de objeto*. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte: UFMG. 103 p.2008. Disponível em: < <http://www.lettras.ufmg.br/poslin/defesas/1183M.pdf> > Acesso em: 04 nov. 2014.

DIAS, L. F. Formações nominais designativas da língua do Brasil: uma abordagem enunciativa. In: *Letras*. Santa Maria, n.46, 2013.

_____. Os sentidos da liberdade no mundo wiki. In: SCHONS, C. R.; CAZARIN, E. A. (orgs.) *Língua, escola e mídia – en(tre)laçando teorias, conceitos e metodologias*. Passo Fundo: Editora Universitária de Passo Fundo, p. 272-287, 2011.

ORLANDI, E. P. Sentidos em fuga: efeitos da polissemia e do silêncio. In: Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde. Palestra. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u0Y2KGVkm9U>. Acesso em 04 nov. 2014.

_____. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

_____. *Discurso e Leitura*. São Paulo: Cortez, 1993.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. São Paulo: Pontes, 1983.

Recebido em: 09 de julho de 2015.

Aceito em: 31 de julho de 2015.